
Parâmetro de bem comum

Antes mesmo de fazer qualquer consideração ao livro *Os Escandinavos* (Contexto, 2016), do diplomata Paulo Guimarães, quero, de antemão, recomendá-lo como uma leitura necessária, diante da urgência brasileira por outras frentes de pensamentos e experiências sociais que possam inspirar alternativas aos desgastados sistemas do capitalismo liberal e do socialismo revolucionário.

O autor, que é diplomata de carreira e casado com uma nórdica, discorre sobre o Estado de bem-estar escandinavo e seus ajustes decorrentes do novo mapa político, econômico e social do mundo, com a propriedade de quem estudou na Suécia, atuou na embaixada do Brasil na Noruega, onde se ocupou também da relação com a Islândia, e trabalha na embaixada brasileira na Dinamarca.

Um aspecto que me anima no êxito dos povos da Escandinávia é que há cem anos eles viviam praticamente da pesca, da pecuária ovina e do extrativismo da madeira, em condições insalubres, e hoje são lideranças mundiais em afluência econômica e elevados níveis de qualidade de vida. Isso, vivendo em escassas terras férteis, geografia montanhosa, geleiras, vulcões e em clima adverso.

A leitura de *Os Escandinavos* abre frestas para o entendimento de como foi possível desenvolver um mercado eficiente, com regulação das injustiças que podem ser causadas pelo poder do capital. Os elementos de coesão são tão fortes e consistentes que os governos, de esquerda ou de direita, respeitam os parâmetros do bem comum que levam inclusive os cidadãos mais ricos a se sentirem igualmente interessados e responsáveis pelo bom funcionamento de todo o sistema.

O alto desempenho dessas sociedades está associado à universalidade da educação e da seguridade social, com boa rede de infraestrutura e logística. Sem contar que “persiste na sociedade nórdica um grau de desapego generalizado (ou até desprezo) por considerações de *status* baseadas em riqueza pessoal ou numa suposta hierarquia entre classes sociais” (p.90), o que elimina a praga da ostentação.

O pavonear herdado pela lógica burguesa do século XIX foi superado com a valorização do que o autor sintetiza como o sentimento de todo o povo escandinavo de pertencer a uma comunidade e de se esforçar pela melhoria do seu entorno. Contou também, para isso, a evolução do conhecimento, o peso da honra e da humilhação, remanescente da moral viking, e o espírito de cooperação regional que, sem precisar fazer ajuste de contas de um passado de guerras entre reinos, resultou em uma cultura de descobertas, invenções e inovações permanentes.

Mantendo a vocação marítima e os costumes do campo, eles passaram a oferecer ao mundo novidades como a caixa de fósforos com fita abrasiva de segurança, chave inglesa, papel sulfite, máquina de ordenha, rolimã, geladeira, aspirador de pó, gravador magnético de som, alto-falante e a dinamite. Várias são as marcas escandinavas presentes em nosso cotidiano, tais como Atlas, Ericsson, Electrolux, Scania, Volvo, Nokia, Lego e Tetra Pak.

Mais do que tratar de fatos e estereótipos presentes nessa bem-sucedida experiência sociocultural e política, Paulo Guimarães oferece ao leitor a possibilidade de ampliação de perspectivas, por meio de páginas bem escritas que trazem com clareza e riqueza de detalhes referências do inspirador modelo escandinavo do Estado de bem-estar.